

## Novos Rumos da Geografia Brasileira

Milton Santos (org.)  
Alguns capítulos

### CONTRIBUIÇÃO A CRÍTICA DA CRISE DA GEOGRAFIA

Armando Corrêa da Silva

#### 1. A CRISE DA GEOGRAFIA COMO CRISE DA CULTURA

Houve um momento da história contemporânea em que parte da natureza estava ainda intocada pelas mãos do homem. A herança do conceito de liberdade do século XIX valorizava os grandes espaços internacionais ou nacionais que eram considerados patrimônio da humanidade.

Num período relativamente curto de tempo a exploração da Terra alcançou seus limites e extravasou para o espaço sideral.

Essa transformação pode ser identificada à história do capitalismo: dos dias otimistas da época dos grandes descobrimentos marítimos, ainda com o desenvolvimento rápido da economia mercantil dos séculos XV e XVI, aos dias de hoje, de crise do desenvolvimento como símbolo do progresso.

No momento em que a sociedade humana conquista definitivamente o reino da natureza, como sua destruição, ou como compreensão de sua necessidade para a vida humana, modifica-se a consciência do mundo.

Não se pode continuar a viver com os valores que recebemos do passado, porque eles já não dão resposta aos problemas do presente. É nesse sentido que há uma crise da cultura.

A Geografia, como parte da herança cultural do Ocidente, entra em crise, porque o mundo que gerou sua expressão ideológica, ligada ao evoluir do capitalismo, já não existe. O Ocidente confunde-se com o Oriente, o hemisfério norte com o hemisfério sul, na consciência de um único espaço planetário.

Em outras palavras, o futuro, que estava posto na realização humana na superfície da Terra, passou a ter uma referência espacial mais ampla: antes da humanidade realizar-se como reino da liberdade, nos limites do planeta em que vive, esse espaço torna-se pequeno para ela.

A negação da consciência em considerar o espaço como dimensão maior, tem sua contrapartida na valorização do solo, fragmentado em pequenas porções, que são objeto de difícil apreensão.

Uma nova Geografia defronta-se, então, com a realização de uma nova perspectiva cultural, em que as escalas de sua efetivação encontram-se bastante distanciadas de sua possibilidade de ocorrência.

Essa nova Geografia, nos textos mais avançados, busca compreender, globalmente, um espaço que, então — é significativo — encontra-se *estruturado*!

O capital, por isso, não é mais aquela totalidade esférica e compacta anterior, mas aparece como uma estrutura, ainda esférica, mas translúcida em sua fragmentação. Como se o todo se transferisse, necessariamente, a cada uma de suas partes.

O fundamento do todo, no presente, pode ser resumido na afirmação de que o espaço global, estruturado, realiza-se, em cada um de seus pedaços. Por isso, a consciência do todo é a consciência de suas partes. Então, cada parte vive uma tensão dialética insolúvel, porque não pode realizar-se como soma, articulação, conexão, ligação — embora se relacione com as outras.

A Geografia atual é uma geografia composta de geografias que se relacionam, mas não compõem uma unidade.

Não obstante, o todo — objetivamente — realiza-se como todo na relação de suas partes!

A cultura atual é, então, uma cultura em crise e, por isso, na consciência, uma cultura da crise.

A Geografia em crise, vive na crise da Geografia, como muitas geografias, que buscam seu relacionamento. Há, por isso, uma crise do pensamento de síntese, na medida em que a síntese da estrutura não satisfaz como resultado, que é apenas reprodução e montagem!

Mas, além da reprodução e montagem, só se pode pôr o projeto prévio dessa reprodução e montagem, que elimina o erro *a priori*, na lógica do plano.

A cultura contemporânea é um mosaico construído pelo indivíduo e pelo grupo social. Por isso, também a Geografia atual é um mosaico, construído pelo indivíduo e pelo grupo social.

Tecnicamente, é preciso dominar a relacionalidade, sem o que o todo não se põe.

Ora, o que é a relacionalidade? A relacionalidade é o estar contido no outro, que só por isso realizam o conceito moderno de liberdade. Pois não há cultura nova sem liberdade. Então, não há Geografia nova, que não se ponha como objetivo o espaço livre de sua efetivação.

Para isso, é preciso tentar a aventura de conquistar o espaço novo! Mas, não é fácil, pois o espaço novo está encoberto pela névoa da consciência incompleta, que se põe como medo do futuro, que ainda não conhece.

A liberdade, por um momento, se põe como medo da liberdade!

### A natureza dos obstáculos

A crise da Geografia é o primeiro sintoma da cultura da crise. Ela se põe como momento de apogeu da ideologia, que nega a ideologia e propõe: a ideologia acabou! É o primeiro obstáculo.

A crise dos geógrafos é o segundo sintoma da cultura da crise. Ela se põe como momento de renovação da ideologia, que irrompe novamente, mas agora como multiplicidade de ideologias! É o segundo obstáculo.

A crise da Universidade, como o lugar de produção da Geografia, é o terceiro sintoma da cultura da crise. Ela se põe como momento de abalo dos fundamentos empíricos das ideologias! É o terceiro obstáculo.

A crise do ensino e da pesquisa em Geografia é o quarto sintoma da cultura da crise. Ela se põe como síntese das crises e, de novo, como fim das ideologias! É o quarto obstáculo.

O cotidiano aguarda que a ideologia se recomponha para de novo destruí-la! A crise se efetiva, então, como crise do consumo e consumo da crise.

### O horizonte vazio

A mente vazia se põe como o pensamento em repouso temporário. Como o computador, precisa ser reprogramada.

A reprogramação da mente precisa aguardar o *input* da nova prática teórica. Aqui, a liberdade se põe como programação desejada e efetivada, ou como programação aleatória.

Não é que o valor desapareça, mas é que ele se põe como momento de identificação entre a falsa consciência e a consciência verdadeira, que se anulam no campo de forças da verdade em processo de vir a ser.

Na medida em que a revalorização do valor sofre interferências é preciso aguardar o retomar da sintonia fina.

Num primeiro momento põe-se, então, o silêncio das comunicações. A mente vazia expõe-se como teoria prática.

A teoria prática torna-se indecisa, porque separada do fazer-se prática teórica. Automatiza-se na produção do saber vazio, sem horizonte.

Por isso, o horizonte é ilimitado, até onde o alcança a fantasia não objetivada.

Mas, permanecem os registros do mapa mental.

O que fazer? Reativá-los ou determinar a nova programação?

### O dia seguinte

A liberdade é a consciência da necessidade? Mas, satisfeita a necessidade põe-se a nova necessidade. A continuidade do processo acaba por definir a liberdade como a necessidade consciente. Agora, não mais no objeto, mas no sujeito. O sujeito consciente da necessidade transforma-a no fazer prático programado; assim, ele a controla. Mas, ao fazê-lo, torna-se um instrumento da programação: a consciência programada não é livre!

Surge, assim, a crítica: e a liberdade de consciência?

A liberdade de consciência é a liberdade do sujeito fora do plano. Mas, essa liberdade é a liberdade que rejeita o plano como progresso humano! Ela não se realiza como consciência da liberdade!

O que é a consciência da liberdade?

A consciência da liberdade é, em primeiro lugar, a consciência de sua necessidade. Ela é, então, uma reivindicação do sujeito que, ao fazê-la, já está liberto da escravidão da contradição não resolvida entre o ser e o não ser!

A consciência da liberdade é, em segundo lugar, a consciência da determinação — a necessidade objetiva. Ela é, então, o seguir do processo histórico como vontade social, na aceitação da verdade socialmente determinada. Mas, põe-se a contradição entre a liberdade individual e a liberdade social. Essa contradição não se resolve invertendo os sinais!

A consciência da liberdade é, em terceiro lugar, a consciência da sobredeterminação. Ela é, então, o pôr-se individualmente ou socialmente como sujeito, através do projeto, a partir das determinações existentes. Mas, o projeto termina!

A consciência da liberdade como projeto realizado põe a pergunta: o que vem depois do projeto?

### A solução da contradição

A solução da contradição aparece como a execução da programação já estabelecida e desejada. Porque o novo não se põe a partir do não-existente. Ele exige a continuidade dos outros projetos.

Os outros projetos são a estratégia da continuidade.

Por isso, a continuidade é o existir organizado, que se põe como trabalho necessário. É o tomar da necessidade nas mãos e na consciência e fazê-la efetivar-se. O movimento em si transforma-se em movimento para nós como decisão que arranca a necessidade de sua inércia potencial.

Como?

A partir da técnica contemporânea posta a serviço da coletividade. Então, é preciso dominar a técnica, como antes se dominava a natureza. Porque a técnica é parte da segunda natureza! Ora, é isso que importa atualmente!

Dá que, na prática teórica, importa dominar a metodologia analítica e colocá-la a serviço da coletividade do trabalho.

Resolve-se a contradição? Sim, porque são postos ante a humanidade os meios de transformação do real.

Sem essa apropriação do novo, como novos meios de existir, não se põe a liberdade do plano.

Mas, para isso é preciso conquistá-la.

Como?

Aprendendo. Conhecendo.

Não há outro modo que substitua o seguir sem rumo teleológico, que reproduz a falsa consciência e a ideologia, como véu que esconde a objetividade do real.

### A análise da cultura da crise

A metodologia analítica — instrumento de libertação — é, não obstante, o modo de pôr-se a cultura da crise.

Ela se põe como a epistemologia do conhecimento ontológico: o todo não é o conceito geral, ou, o todo não é a hipótese, simples objeto de verificação. No primeiro caso a verdade não pode ser conhecida (objetivada) porque é intersubjetiva; no segundo, a verdade é uma probabilidade de ocorrência.

O modo epistemológico implica o manuseio formal da linguagem até sua irreducibilidade mais simples. Por isso, a epistemologia radical esgota o discurso. Quer dizer, tenta deter o movimento, mesmo quando dele faz a apologia. A prática teórica encerra-se em si mesma. Esta

é uma das manifestações da cultura da crise. No limite, a comunicação interrompe-se, ocorrendo uma cesura nas relações sociais.

A metodologia analítica decompõe o todo até seus elementos mais simples, examinando-os em si e nas suas relações com os outros elementos. Por isso, ela opera como reprodução e montagem. Por isso ela implica a técnica prática e teórica.

Na situação de crise da cultura ela se define como a "ciência" da cultura em crise. Ela é parte da cultura da crise.

Como o modo de pôr-se o conhecimento ela é o "conceito simples" de Hegel. Não obstante, esse "conceito simples" já contém a totalidade.

De que tipo é a totalidade analítica?

Ela é monolítica, mas transparente. Pelo menos, deveria ser. A "caixa cinzenta" e a "caixa preta" representam, então, contradições sociais não resolvidas.

Mas o funcionamento é possível. Esse o "segredo" do sistema.

O atrito revela o erro, na metodologia analítica e, com ele, as contradições não resolvidas.

### **A cultura da crise e o poder**

No âmbito da cultura da crise a Geografia Crítica põe-se como o modo possível de opor-se ao poder existente.

Ela é capaz de descerrar o véu das ideologias presas ao passado e, assim, indicar o caminho do futuro. Mas, não o pode realizar como crítica epistemológica apenas.

É preciso construir a ontologia do ser geográfico tal como ele se apresenta hoje. Para isso põe-se como necessidade primeira a efetivação de seus fundamentos teóricos.

A Geografia Teórica põe-se como a contrapartida dialética necessária da crítica da Geografia Empírica, concreta ou abstrata.

Mas, é apenas um momento de retomada da totalidade, no fazer-se uma Geografia teórica e prática, capaz de explicar e transformar o real.

## **2. DA CRISE DA TOTALIDADE AOS ESPAÇOS DA GEOGRAFIA**

A Natureza, que tanto impressionou os clássicos, que a reverenciaram, está acabando?

A Sociedade, glorificada pelas revoluções modernas e contemporâneas, está em crise?

As duas questões parecem transcender os modos de produção: a possibilidade da terceira guerra mundial, nuclear, não aponta para isso?

No primeiro caso, a bela foto espacial do satélite não é suficiente em sua força estética para afastar da nossa mente a consciência da existência da chamada "lixreira espacial", símbolo mais amplo da poluição do planeta em que vivemos.

No segundo caso, os esforços dos sonhadores, que ainda os há, não pode esconder com belas frases de efeito, o esfacelamento econômico, social, político e cultural de uma civilização imaginada para durar muito, abrindo caminho ao reino da plena felicidade humana.

Mas, se não nos encontramos na realidade do espaço global, tal como se mostra, o cotidiano aí está, indicando, no processo de vida, o ser consciente do homem, em sua teleologia feita de praticidade, com a qual enfrenta suas contradições, no planejamento mais ou menos alcatório do dia-a-dia.

Por que essa contradição entre o geral e o particular? Um geral que teima em escapar às grandes construções do espírito e um particular que se mostra evidente no fazer e pensar imediatos?

Qual o sentido desse movimento, ao mesmo tempo subjetivo e objetivo?

Ocorre-me a afirmação do homem, cuja inteligência abrangeu o significado de seu tempo e que ainda indica ontologicamente o vir a ser deste século:

"Nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela contém, e jamais aparecem relações de produção novas e mais altas antes de amadurecerem no seio da própria sociedade antiga as condições materiais para a sua existência. Por isso, a humanidade se propõe sempre apenas os objetivos que pode alcançar, pois, bem vistas as coisas, vemos sempre que esses objetivos só brotam quando já existem ou, pelo menos, estão em gestação as condições materiais para a sua realização" (Marx, 1961: 302).

Quais os objetivos que a humanidade se propõe, hoje, alcançar? Quais as condições materiais para sua realização?

O principal objetivo da humanidade nos dias atuais só pode ser o de conseguir a paz. A principal condição para isso só pode ser a existência hoje da consciência social ampla dessa necessidade.

O caminho nessa direção é, contudo, bastante difícil.

Dois obstáculos existem: o mundo dividido, que gera a mente dividida; as determinações objetivas e subjetivas que recusam a paz do cemitério.

Estas reflexões sobre a crise da totalidade levam-me a considerar os modos contemporâneos da praticidade humana que a humanidade criou e que constituem a base do seu pensar os espaços da Geografia.

### **O espaço da prática**

O espaço da prática é a solução mais antiga da humanidade para resolver suas contradições. O homem faz aprendendo e aprende fazendo: então, o empirismo é o recurso mais importante dos despossuídos, porque sobreviver é relacionar meios e fins em quaisquer condições.

Assim considerado, o espaço da prática é o fluxo do cotidiano, no aqui e agora, que gera a consciência da imediaticidade.

Na relação teoria e prática o conhecimento é o fazer da verificação e do experimento espontâneos.

A prática é, então, o saber sensível que se realiza com a rapidez da objetividade, destituída da preocupação com a reflexão.

Mas o saber prático é um conhecimento e, como tal, é transmitido de geração a geração, milenarmente.

Como conhecimento, ele só necessita da pré-ideação sensível que é, então, bastante desenvolvida.

O despossuído compensa o não conhecimento da técnica e da ciência com o desenvolvimento, o mais agudo possível, de suas capacidades naturais, num aprendizado em que a imaginação criadora e manipulatória são funções básicas.

O espaço da prática implica o uso sempre renovado da memória, em que os automatismos têm que ser continuamente remodelados.

O viver é um sobreviver que não pode deter-se para a reflexão demorada.

Não obstante, é da acumulação do fazer prático que decorre a manifestação de outros espaços.

### **O espaço da técnica**

O espaço da técnica é uma decorrência da tomada de consciência do saber prático. Ele implica a codificação e formalização do empirismo.

O fazer metódico é o fazer prático depurado de sua espontaneidade. O aprender fazendo e o fazer aprendendo são substituídos pelas instruções, que devem ser seguidas em sua lógica sistematizada.

O uso da técnica não é acessível aos despossuídos. Por isso, os técnicos se subdividem em operadores-técnicos e produtores-técnicos. Por isso, também, diferenciam-se dos deserdados.

É que o uso da técnica exige mais do que a pré-ideação sensível, porque demanda a reflexão ordenada: é preciso que as conexões do real tenham um sentido prévio, destinado a conduzir a um resultado esperado, que já está contido na mente como projeto.

Por isso, os que criam o projeto diferenciam-se dos que operam as instruções. Estes são despossuídos, neste nível. É que a criação do projeto demanda uma aprendizagem formal superior à aprendizagem formal dos operadores.

Essa aprendizagem formal gera o racionalismo, que se opõe ao empirismo.

O tempo da técnica, embora possa realizar-se no instante, pode prolongar-se ao minuto, à hora, ao dia, à semana, ao mês, ao ano.

O viver é, então, um sobreviver mediado pela reflexão constantemente codificada.

O espaço da técnica amplia a capacidade humana de ação e de transformação, mas às custas do espaço da prática.

Não obstante, o espaço da técnica é pré-requisito de outros espaços.

### **O espaço da pesquisa**

O espaço da pesquisa ultrapassa o espaço espontâneo da sobrevivência e o espaço codificado da técnica. Ele implica algum modo de relacionamento de racionalismo e empirismo.

Por isso, o saber da pesquisa implica a imaginação ordenada e o fazer metódico.

O método do fazer técnico é substituído pelos passos da investigação analítica: da hipótese à observação, desta à análise e desta à generalização.

A espontaneidade do fazer prático é substituída pela criatividade possível no desenrolar do parâmetro de busca da lógica do real.

O espaço da pesquisa subordina os espaços da prática e da técnica, que se tornam despossuídos nessa relação.

Isto ocorre porque o ponto de partida do espaço de pesquisa é a regulação de todo o seu processo pela hipótese: "Uma das tarefas do pesquisador, então, é tornar claro o problema que pretende tratar, procurando, tanto quanto possível, eliminar todos os fatores de perturbação, como as prenoções, os juízos valorativos de ordem diversas, a obscuridade dos conceitos empregados etc. A formulação clara e precisa da hipótese facilita grandemente o processo de observação, e isto pode ser referido para o procedimento científico de qualquer ciência" (Silva, 1978: 79).

O espaço de pesquisa é, então, um espaço de reflexão, que implica operações mentais mais complexas que as do homem prático e do homem técnico.

O espaço de pesquisa ultrapassa o fazer e o saber da prática e da técnica, aumentando o controle humano sobre a natureza e a sociedade, determinando uma hierarquia no acesso ao conhecimento.

Não obstante, o espaço de pesquisa se põe como momento necessário de outros espaços.

### **O espaço da ciência**

O espaço da ciência é o espaço do real compreendido em suas conexões internas. Por isso, ele se põe em um nível diverso dos espaços da prática, da técnica e da pesquisa. Estes, na relação, tornam-se despossuídos, pois o conhecimento do real põe-se por uma via de mais alta reflexão: a busca, pelo raciocínio, de causalidades que a prática, a técnica e a pesquisa nem sempre revelam. Porque a ciência é, em grande parte, um modo de pensar o mundo para além das aparências.

Então, o espaço da ciência apresenta a característica de ultrapassar o relacionamento racionalismo-empirismo.

É que, trata-se de apreender o movimento do real, expresso em suas leis, que devem exprimir os momentos da contradição.

O ponto de partida é, então, a apreensão, que é modo de apropriação, de categorias e conceitos, que se expressam como relações internas. Em seguida, é preciso verificar se essas categorias e conceitos têm existência objetiva. Em terceiro lugar, põe-se a necessidade da verificação de como os homens se dão conta de sua existência através das idéias que deles têm. Em quarto lugar, põe-se a questão de saber se essas idéias refletem de algum modo adequado essas categorias e conceitos, e qual o grau de explicação que possuem.

As operações do saber científicos são operações mentais de caráter ontológico analítico.

Por isso, não se trata "do processo de visar a coisa inacessível, cada passo adiante medindo-se exclusivamente em termos de eficácia e da integração de cada tese na totalidade da teoria; uma doutrina é dita superior a outra quando for mais eficaz, mais geral e mais rigorosa que a anterior" (Giannotti, 1966: 76).

O espaço da ciência incorpora os espaços da prática, da técnica e da pesquisa, mas a eles não se subordina.

Mas, como a eles se relaciona?

### **O espaço do trabalho intelectual**

O espaço do trabalho intelectual contém as oposições entre os espaços prático, técnico, de pesquisa e científico. Ele os relaciona em suas contradições.

Porque o saber é, antes de tudo, trabalho que o produz e reproduz. Mas, não pode fazê-lo sem a prática, a técnica, a pesquisa e a ciência. É a nível do trabalho intelectual que os despossuídos da prática, da técnica, da pesquisa e da ciência se defrontam. E é por ele que se encontram com os demais trabalhadores da sociedade.

A divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual mostram-se aqui, também, na contradição trabalho produtivo-trabalho improdutivo.

Mas, o que é o trabalho necessário, hoje?

O mundo dividido responde segundo os interesses de seus fragmentos, nos quais a humanidade como um todo não se reconhece.

Essa divisão contradiz-se com a humanidade das pessoas que não se querem divididas. A consciência da necessidade da unidade nasce da prática dilacerada do trabalho manual, reunido na produção, e da mente dividida do trabalho intelectual, pulverizado na produção.

O espaço do trabalho intelectual põe-se como opção entre dicotomia e unidade.

Como se defronta com a necessidade da luta pela paz?

### **O espaço das opções possíveis**

As determinações do real devem ser apreendidas e apropriadas para nós e para os outros.

Elas se apresentam em várias escalas que se entrecruzam na determinação dos espaços de vida individual e coletivo.

O projeto deve conduzir à efetivação da objetividade, inerente ao cotidiano, em meio às contradições do ser e do pensar.

É preciso definir os objetivos a alcançar e descobrir as condições materiais para sua realização.

Por isso, os espaços da Geografia se põem, ante nós, como espaços plurais, a serem conquistados.

### **Os espaços da geografia**

Em primeiro lugar, o espaço da geografia é o próprio espaço de sua subtotalidade. Por isso, é um espaço de ciência e ideologia, que se relaciona com outros espaços na interdisciplinaridade das múltiplas subtotalidades (Silva, 1980).

Em segundo lugar, o espaço da geografia é o seu próprio espaço interno, como espaço da natureza e espaço da sociedade. Espaço ontologicamente diferenciado, mas relacionado geneticamente, e que apresenta mediações.

Em terceiro lugar, o espaço da geografia é o espaço referido ao segmento do real, cuja escolha depende do que se deseja e do conhecimento do real em seu movimento na particularidade.

Em quarto lugar, o espaço da geografia é o subespaço do real que remete à subtotalidade em seu conjunto, no retorno que dá sentido à aproximação em relação ao objeto.

Em quinto lugar, o espaço da geografia é o discurso que extrapola a subtotalidade, na consciência realizada como compreensão do real no todo e na parte.

#### **Bibliografia**

- Giannotti, J. A. *Origens da dialética do trabalho*, DIFEL, São Paulo, 1966.  
Marx, K. "Prefácio à 'Contribuição à crítica da economia política'", in Marx, K. (e) Engels, F. *Obras escolhidas*, Vol. I, Vitória, Rio de Janeiro, 1961.  
Silva, A. C. da. *O espaço fora do lugar*, HUCITEC, São Paulo, 1978.  
Silva, A. C. da. *De quem é o espaço?* HUCITEC, São Paulo, no prelo.